

A IMPORTÂNCIA DO TRABALHO DE CAMPO COMO METODOLOGIA DE ENSINO DE GEOGRAFIA: UM ESTUDO DAS MARGENS DO CANAL SAPUCAJUBA NA EETEPA

DR. CELSO MALCHER

Isabela Beatriz Freitas Garcêz¹

Vinícius Souza de Abreu²

Leilane Figueiredo Abreu³

Betânia Azevedo Costa⁴

Orientadora Luziane Mesquita Luz⁵

INTRODUÇÃO

O processo de ensino e aprendizado é constantemente desafiado a se reinventar, buscando abordagens e estratégias que potencializem a compreensão e a assimilação dos conteúdos pelos estudantes. No âmbito da disciplina de Geografia, a utilização de metodologias que transcendam a sala de aula convencional tem se mostrado fundamental para aproximar os conceitos teóricos da realidade tangível. Nesse contexto, o trabalho de campo emerge como uma ferramenta pedagógica enriquecedora, capaz de promover uma aprendizagem mais contextualizada e significativa, tal como coloca Marcos (2006, pg.6):

Penso que a maior parte dos geógrafos concorde com o fato de que a ida a campo seja um instrumento didático e de pesquisa de fundamental importância para o ensino e pesquisa da/na Geografia. Enquanto recurso didático, o trabalho de campo é o momento em que podemos visualizar tudo o que foi discutido em sala de aula, em que teoria se torna realidade, se ‘materializa’ diante dos olhos estarecidos dos estudantes, daí a importância de planejá-lo o máximo possível, de modo a que ele não se transforme numa ‘excursão recreativa’ sobre o território, e possa ser um momento a mais no processo ensino/aprendizagem/produção do conhecimento.

O presente relatório se propõe a explorar a relevância do trabalho de campo como metodologia de ensino de Geografia, tendo como cenário as atividades desenvolvidas nas margens do canal de maré Sapucajuba, localizado em Belém do Pará, mais especificamente, dentro dos domínios da Universidade Federal do Pará (UFPA), com alunos da EETEPA Dr. Celso Malcher do 2º ano Curso Técnico Integrado em Meio Ambiente no âmbito do programa do Residência Pedagógica. Este ambiente natural, enriquecido por sua relevância geográfica e socioambiental, proporcionou um espaço propício para a realização de uma coleta de solo e colaborou com nossa análise a respeito do processo de subsidência ocorrido em Abaetetuba, permitindo a intersecção entre a teoria estudada em sala de aula e a prática de campo.

¹ Graduanda do Curso de geografia da Universidade Federal do Pará- PA, isabela.garcez@ifch.ufpa.br;

² Graduando do Curso de geografia da Universidade Federal do Pará- PA, viniciusdeabreu@gmail.com;

³ Graduanda do Curso de geografia da Universidade Federal do Pará- PA, Leilane.abreu29@gmail.com;

⁴ Graduada no curso de geografia pela Universidade Federal do Pará-PA, betania17azevedo@gmail.com;

⁵ Professora orientadora: Doutora, Universidade Federal do Pará-PA, Luzianeluz36@gmail.com;

A Geografia, enquanto disciplina voltada para a compreensão dos fenômenos espaciais e suas relações, ganha maior profundidade quando os estudantes têm a oportunidade de vivenciar in loco os conceitos abordados. O contato direto com o ambiente geográfico proporciona uma imersão que vai além dos mapas e das descrições em livros didáticos, permitindo a visualização das dinâmicas naturais e antrópicas que moldam o espaço. Esse engajamento ativo possibilita a construção de aprendizados mais duradouros e significativos. Nesse viés, em conformidade com Ângelo Serpa (2006, p. 7), em artigo publicado no Boletim Paulista de Geografia:

Alguns dias de trabalho de campo valem mais do que muitas aulas, cursos e palestras. O que se aprende e apreende não está nos livros ou nos artigos e não sai da boca dos docentes. Esse contato fora dos altos muros da Academia é importante para a formação de qualquer geógrafo, desde que a viagem não tenha caráter de turismo. É longe da sala de aula que se pode compreender plenamente a informação que é transmitida não só no conteúdo do discurso, mas também no tom da voz, na expressão, nos trejeitos e na forma como o outro evita responder certas perguntas. É nas entrelinhas e nos atos-falhos que dúvidas são esclarecidas e questões são desvendadas, além de tantas outras que surgem, nos instigando a conhecer mais e mais.

Cabe salientar que uma das principais conexões que Yi-Fu Tuan (1977) estabeleceu foi entre lugar e aprendizado. Ele argumentou que os seres humanos aprendem sobre o mundo principalmente por meio de suas interações com os lugares. Ele destacou como nossas experiências espaciais moldam nossa compreensão e construção do conhecimento.

Tuan enfatizou que o conhecimento adquirido através da experiência direta em lugares é mais significativo e duradouro do que o conhecimento adquirido de maneira abstrata ou distante. Ele acreditava que a ligação emocional e sensorial com um lugar é essencial para o processo de aprendizado, pois envolve nossos sentidos, memórias e emoções. Nesse sentido, o rio Sapucajuba, por sua localização e importância, ofereceu um contexto valioso para a aplicação dessa abordagem. Suas margens carregam consigo uma série de elementos geográficos, desde aspectos geomorfológicos até interações socioculturais, que podem ser observados e analisados diretamente. Além disso, a conexão entre a universidade e o ambiente envolvente proporcionou uma oportunidade única de integração entre a teoria acadêmica e a prática de campo, estabelecendo uma ponte entre o conhecimento formal e a realidade vivenciada.

Este relatório descreverá em detalhes a experiência de coleta de solo realizada nas margens do canal de maré Sapucajuba, destacando as etapas metodológicas, as observações feitas, as análises preliminares e as conclusões provisórias. Além disso, serão explorados os ganhos pedagógicos dessa abordagem, evidenciando como o trabalho de campo contribuiu para uma compreensão mais abrangente e aprofundada dos conceitos geográficos estudados. Ao final, espera-se que este relatório possa ressaltar não apenas a importância do trabalho de campo

como estratégia de ensino, mas também a riqueza do ambiente geográfico local como um laboratório vivo de aprendizado.

METODOLOGIA

Segundo ALENTEJANO e Rocha Leão (2006) Realizar trabalho de campo é, sem dúvida, um estágio intrínseco ao processo de construção do conhecimento. Todavia, é imperativo que esse procedimento se entrelace com a teoria, pois, caso contrário, correrá o risco de esvaziar-se em substância, perdendo sua capacidade de contribuir para a revelação da essência dos fenômenos geográficos. Desse modo, é crucial entender que o trabalho de campo não deve ser uma mera atividade de contemplação da paisagem. Ele deve, a partir dessa observação, adentrar na compreensão da dinâmica do espaço geográfico, seguindo um processo mediado pelos conceitos geográficos.

Inicialmente, o projeto para um ensino de geomorfologia mais eficaz foi realizado um pré campo, sendo esse com o público-alvo: 2º ano do ensino técnico em Meio ambiente da escola EETEPA Dr. Celso Malcher. O pré campo foi dividido em: aula teórica no auditório da escola, aula em laboratório, utilizando como recurso didático o Banco de Dados e Informações Ambientais (BDiA) e, por fim, após essa preparação, uma aula de campo pelo campus da Universidade Federal do Pará foi realizada.

Na primeira etapa do projeto, a aula teórica, o tema central apresentado aos alunos foi “Como recuperar áreas degradadas?”, e se dividiu em quadro subtemas, o primeiro sendo “O que é uma área degradada?”, o segundo “a importância da geomorfologia no estudo das áreas degradadas”, o terceiro “urbanização e seus impactos” e, por fim o quarto “erosão e movimentos de massa”. O método tradicional testado em sala deixou em evidência um certo desinteresse por partes dos alunos que participavam da aula, o que já era esperado pelos discentes que ministravam.

Na segunda etapa do projeto, mergulhamos em uma aula enriquecedora, potencializada pelo recurso didático BDiA. Nesse contexto, exploramos a complexidade da geomorfologia local, desvendando os processos que moldaram a paisagem ao longo do tempo. Particular ênfase foi dada à formação do solo na região. Com a ajuda do Manual de Solos da Embrapa, pudemos traçar paralelos entre a composição do solo em Belém e Abaetetuba, identificando semelhanças e compreendendo as nuances das formas de aterramento. A atividade proposta ocorreu da seguinte maneira: apresentação do banco de dados, ensinando sua funcionalidade, layout e uso; explicação do foco da investigação e execução da atividade com os alunos instruídos. O exercício tinha como objetivo engajar os alunos no papel ativo de aprendizes, permitindo a

escolha da área de estudo em geomorfologia e pedologia locais. Também foi realizado estudo das características do Pará em laboratório, abordando relevo de Belém e tipos de solo.

Ao final do pré-campo, ficou claro que essa imersão prévia não apenas preparou os estudantes para a experiência de campo propriamente dita, mas também serviu como um elo entre a teoria e a prática. A compreensão dos processos geomorfológicos e pedológicos se tornou mais concreta, com a aplicação dos conhecimentos adquiridos em um contexto real. Este pré-campo forneceu a base essencial para nossa investigação nas margens do rio Sapucajuba, permitindo-nos mergulhar com confiança nas intrincadas relações entre o ambiente natural e os conceitos geográficos explorados.

No intuito de tornar o conhecimento ainda mais palpável, organizamos uma envolvente oficina destinada aos alunos, um trabalho de campo as margens do canal de maré Sapucajuba. Aqui, o objetivo era claro: apresentar os perfis do solo de maneira dinâmica e acessível. Desvendamos a pedologia local, mergulhando nas características distintas que definem cada camada do solo. Através do uso de ferramentas como GPS, trenas e o tradicional trado holandês, tivemos a oportunidade de explorar o espaço geográfico com precisão. Coordenadas geográficas foram utilizadas para identificar o exato local de estudo, enquanto o trado nos permitiu coletar amostras valiosas para análise posterior.

A etapa de campo, realizada nas margens do canal Sapucajuba, marcou o ápice de nossa exploração geográfica, proporcionando uma rica experiência prática que complementou e solidificou os conceitos teóricos discutidos previamente. Durante esta jornada, os alunos tiveram a oportunidade de se conectar diretamente com o ambiente, aplicando os conhecimentos adquiridos em sala de aula e explorando as características únicas do solo e da geomorfologia da região.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Na região da Universidade Federal do Pará (UFPA), fizemos uma descoberta significativa que alinhou a teoria com a prática: o solo mapeado previamente no Laboratório de Geografia Física (LAGEOF) foi identificado como um gleissolo. Essa correlação direta entre a teoria e os dados de campo enriqueceu nossa compreensão do ambiente geográfico e forneceu uma base sólida para nossas investigações. O solo gleissolo, caracterizado por suas propriedades super argilosas, alta saturação de água, permeabilidade reduzida e drenagem deficiente, permitiu uma exploração mais precisa do fenômeno da subsidência. As atividades em campo não se limitaram apenas à coleta de dados sobre o solo. Exploramos conceitos de geomorfologia ao delimitar a região e destacar elementos geográficos distintos. Através de observações diretas, pudemos demonstrar a presença de uma planície de inundação, um terraço

fluvial e um dique, enriquecendo a compreensão dos alunos sobre as dinâmicas que moldaram a paisagem ao longo do tempo.

A combinação de aulas teóricas e atividades práticas em campo permitiu uma abordagem de ensino mais holística e eficaz. Os dados coletados durante nossa exploração no terreno foram fundamentais para o aprofundamento da compreensão dos alunos, incentivando o engajamento e a participação ativa. A interação direta com o ambiente e a manipulação dos solos despertaram a curiosidade e o senso crítico dos alunos, levando a um aprendizado mais envolvente e significativo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em última análise, nosso trabalho demonstra que o trabalho de campo não é apenas uma estratégia pedagógica valiosa para o ensino de Geografia, mas também um portal para uma aprendizagem mais profunda, significativa e envolvente. A combinação de teoria e prática, quando guiada por uma abordagem dinâmica e interativa, molda uma melhor compreensão do conteúdo. O Programa de Residência Pedagógica, que promoveu essa interação entre teoria e prática, se mostrou um pilar crucial na formação acadêmica, profissional e pessoal dos estudantes de licenciatura. A vivência em sala de aula, a exploração do ambiente geográfico real e a aplicação de conhecimentos concretos contribuíram para enriquecer o repertório dos futuros educadores e promover uma educação mais alinhada às necessidades da sociedade atual.

PALAVRAS-CHAVE: Trabalho de campo, metodologia de ensino, ensino de geografia.

REFERÊNCIAS

ALENTEJANO, Paulo R. R. & ROCHA-LEÃO, Otávio M. **Trabalho de campo: uma ferramenta essencial para os geógrafos ou um instrumento banalizado.** IN: BOLETIM PAULISTA DE GEOGRAFIA, SÃO PAULO, nº 84, p. 51-67, 2006

MARCOS, Valéria de. **Trabalho de Campo em Geografia: Reflexões sobre uma Experiência de Pesquisa Participante.** IN: Boletim Paulista de Geografia. São Paulo: AGB, n. 84, p. 105 – 136, 2006.

SERPA, A. **O Trabalho de Campo em Geografia: Uma Abordagem Teórico Metodológica.** IN: Boletim Paulista de Geografia. São Paulo: AGB, n. 84, p. 7 – 24, 2006.

TUAN, Yi-Fu. **Espaço e lugar: uma perspectiva da experiência.** Londrina: Eduel, 2015.